

RESENHAS



O OLHO PERDIDO DE CAMÕES

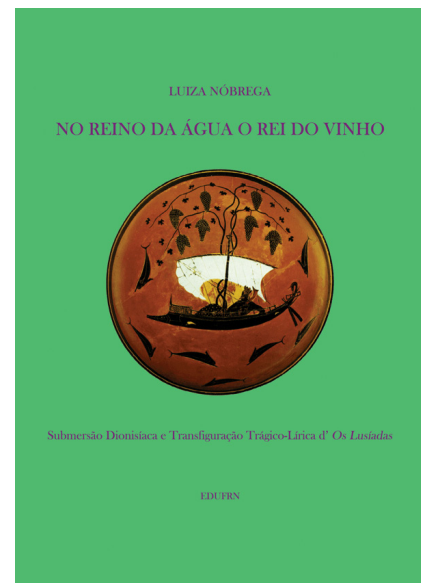
Martín López-Vega
(Universidade de Iowa)

Há autores sobre os quais se escreveu tanto que se tende a pensar ser impossível escrever mais. Mas logo chega um livro – como é o caso do que vamos comentar – e nos damos conta de que, pelo contrário, não é que tudo esteja escrito, e sim que tudo estava por escrever-se.

Qualquer pretexto é bom para submergir-se nos mares inesgotáveis de um livro como *Os Lusíadas*, mas uns são melhores que outros. E poucos tão bons quanto a publicação do magno estudo da professora Luiza Nóbrega intitulado *No Reino da Água o Rei do Vinho: Submersão Dionisíaca e Transfiguração Trágico-Lírica d' Os Lusíadas*.

A base deste livro é a tese de Nóbrega (autora, mais recentemente, de um luminoso ensaio sobre a poesia de Lêdo Ivo), que já fora publicada em uma primeira versão, em Lisboa, há cinco anos, com o título *O Canto Molhado*.

O livro de Luiza Nóbrega sobre o grande poema camoniano parte de uma dupla valentia: em nota explicativa, adverte, primeiro, “ao leitor que espera de livros acadêmicos a habitual objetividade científica”, que deve aceitar “a peculiaridade do meu livro, cuja objetividade obrigou necessaria-



mente à inclusão explícita do sujeito” (p.17), para afirmar, depois, que “este é um livro para o futuro. Com isto quero dizer que sua verdadeira recepção terá lugar apenas quando o cenário da crítica de Camões e d’ *Os Lusíadas* se tenha modificado, e sejam outros os protagonistas da cena crítica” (19). Palavras que não deixam de recordar-nos outras similares, de outro grande estudioso de Camões: Jorge de Sena.

A referência a Jorge de Sena, que viu em Camões um seu irmão nascido em outro século, não é gratuita. O enfoque de Nóbrega, sendo sem dúvida original, tem suas semelhanças com o do grande poeta e erudito português. A ensaísta não desdenha o contexto, mas sabe que num livro como *Os Lusíadas* o mundo é sempre maior páginas adentro que páginas afora.

Afirma em seu prefácio Silvina Rodrigues Lopes que este livro de Nóbrega constitui um momento decisivo da leitura do poema camoniano por quatro razões principais:

1. parte de um conhecimento exaustivo dos estudos camonianos, deslocando o horizonte aberto pelo que há de mais importante nessa tradição; 2. realiza um trabalho de leitura e interpretação que, tomando o poema enquanto tal, na sua intrínseca complexidade, mostra a inépcia das leituras culturalistas que apenas encontram no poema a exaltação de feitos dos portugueses servida por uma estrutura retórica; 3. apresenta uma argumentação consistente acerca dos processos metamórficos e dionisíacos que estruturam o poema; 4. descobre aspectos decisivos, não só dessa estruturação metafórico-metamórfica, mas também contextuais e intertextuais, que subtraem o poema a um destino de simples objecto de análise, e sobretudo ao de suporte de projecções ideológicas (p,15).

A clarividência de Rodrigues Lopes para resumir as qualidades deste livro por si só justifica a longa citação. Com efeito, Nóbrega relê o poema desde o princípio, e sua releitura, se não completamente nova (a pegada de Sena e outros poucos está presente), é, sim, enormemente pioneira, inovadora, privilegiada e limpa. A autora foi capaz de enfrentar-se com a leitura do poema camoniano sem os pressupostos habituais da Academia, mas com toda sua bagagem, num impressionante exercício de crítica literária exemplar e profundo.

Nóbrega encontra n’*Os Lusíadas* “metáforas poeticamente provocativas”, uma expressão feliz que denota sua leitura transgressora do poema: e todo grande poema é sem dúvida transgressor, por mais que essa transgressão se vá perdendo entre montões de aborrecida prosa acadêmica.

Se normalmente um bom estudo literário nos faz acercar-nos à obra que trata com novos olhos, este de Luiza Nóbrega nos faz volver a *Os Lusíadas*, não uma vez, mas vezes infinitas, com infinitos olhos: não há tema que não trate, pista que não siga, dúvida que não afronte com rigor.

Ela mesma adverte que “não se confunda interdisciplinaridade e interdependência com ligeireza inconsistente (p.156)”. Quase se poderia dizer que a pesquisadora encontrou o olho que Camões perdeu em Ceuta quando lutava a favor de D. João III. Nas quase seiscentas páginas de seu estudo, Nóbrega busca o “Camões diferente”, que também buscara Jorge de Sena, não só, naturalmente, em seu texto fundamental, mas numa lúcida releitura de suas cartas e do resto de seus textos, dialogando continuamente com a tradição crítica camoniana, a miúdo para dissentir com elegante inteligência. Em meio a toda a erudição, Nóbrega não tem problema em incluir uns parágrafos para recriminar a Vítor Manuel de Aguiar e Silva – que, como ela afirma, “se autodenomina pontífice dos estudos camonianos” – sua atitude ante seus estudos. Não se encolhe a autora ante nenhum dos problemas textuais do texto de Camões, menos o faria ante seus eruditos... E ainda que se tenha em grande estima e admiração a Aguiar (fui seu aluno de Teoria Literária na Universidade do Minho), neste caso, como verá quem se acerque a estas páginas, a razão pende para o lado de Nóbrega. Aceitar e desfrutar dos acertos alheios é o primeiro passo para perseverar nos próprios...

Ao mesmo tempo que o acercamento de Aguiar à obra de Camões vai recebendo sérios reparos – os mais recentes, de António Cândido Franco, que, resenhando o *Diccionario de Luís de Camões*, revisa a camonologia de Aguiar e Silva, “apontando-lhe as muitas qualidades e percebendo-lhe as insuficiências, também elas pesadas”, e sublinha que “os estudos de Aguiar e Silva no domínio da hermenêutica simbólica, e até das delicadas relações do texto com os contextos culturais e civilizacionais da época, com particular atenção à singular situação ibérica da altura, são manifestamente pobres e insuficientes” (recensão publicada no número 3 da revista *Suroeste. Revista de literaturas ibéricas*, p. 134) – a emenda de Nóbrega é, de certo modo, radical: ela propõe um modo inovador de se enfrentar o texto.

Livro peculiar também em seu estilo, a pesquisadora não só nos oferece o resultado de sua investigação, mas parece escrever o livro “em marcha”, fazendo-nos partícipes das coordenadas de suas descobertas e da recepção que foram tendo em seu momento nos meios universitários. Relevante a propósito é o trecho intitulado “A Polêmica sobre Baco”, polêmica esta referida ao que talvez seja o elemento mais chamativo e inovador de sua leitura do poema camoniano. Livro que se lê, pois, ao mesmo tempo como investigação filológica e como crônica dessa investigação e seus avatares e respostas. Afirma Nóbrega:

Baco não é problema. Pelo contrário: se problema houvesse, Baco seria a solução. O problema verdadeiro está na demora, na relutância, na resistência renitente da crítica em entender o que Jorge de Sena reiterava há mais de seis décadas: que *Os Lusíadas* é um poema. Quando a crítica compreender enfim esta evidência elementar, compreenderá instantaneamente que Baco não é problema algum: que ele é apenas uma chave, um veículo, um signo; e que desempenha, no

poema, um conjunto de funções convergentes, em níveis de crescente complexidade, funcionando, pelo menos, como: 1. personagem que cumpre seu papel no enredo, como *Lieu irado*, magoado e ofendido fugitivo do Olimpo que demanda justiça, mais que vingança; 2. ícone-símbolo emblemático do encontro Ocidente-Oriente; 3. *persona* do poeta, agente da pulsão trágico-lírica subjacente ao intuito épico; 4. signo mitopoético de um código partilhado por humanistas e maneiristas, porta-voz de uma heterodoxia filosófica e ideológica de caráter dissidente; 5. solista de um coro de vozes que interceptam e contraditam o discurso; 6. paradigma de um conjunto de eixos constitutivos do campo semântico que contradita o propósito épico d'*Os Lusíadas* (p. 110).

Que significa dizer que *Os Lusíadas* é um poema? Nem mais nem menos que isto, ou, dito de outro modo: que não é uma história narrada. Que vai mais além de uma narrativa de viagem. Que cada um de seus versos não é narração de um fato, mas sim palavra aberta a mil diversos significados.

Nóbrega percorre o livro acima e abaixo em busca de recorrências e, como todo bom livro, deixa mais portas abertas do que encerradas. Seu informe sobre a visão da Índia n'*Os Lusíadas* bem poderia seguir-se lendo o texto à luz do orientalismo de Said e também de seus críticos: Ibn Warraq o Daniel Martin Varisco, entre os mais finos. A pista da *Eneida* como texto inspirador se sugere mas não se segue até o final. É assim este livro: abre mil portas e ainda deixa outras mil (conscientemente) abertas. O melhor de tudo é que graças a ele regressamos ao texto original providos de olhos com os quais voltamos a mirar o que já acreditávamos saber de memória: “Por mares nunca de antes navegados”...

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

NOBREGA, Luiza. *No Reino da água o Rei do Vinho. Submersão Dionisíaca e Transfiguração Trágico-Lírica d'Os Luisíadas*. Natal: EDUFRN/ANRL, 2013.

Recebido para publicação em 26/05/2014

Aprovado em 30/09/2014